



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

## ANÁLISES INTERDISCIPLINARES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE E DA ARTE NO PROCESSO APRENDER&ENSINAR

Ana Lúcia Gomes da Silva  
Franchys Marizethe Nascimento Santana

### RESUMO

O presente estudo discute a educação sob a ótica interdisciplinar e avalia o que significa ensinar e aprender pelo viés da arte e da ludicidade, como movimento presente nas dimensões da epistemologia e da pedagogia. Discutem-se aspectos desse movimento até a contemporaneidade e suas implicações para então refletir as orientações teóricas tema “A Arte e a Ludicidade como Linguagem Expressiva e Criativa na Alfabetização Visual da Cultura Regional” no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID/Pedagogia/UFMS/Campus de Aquidauana. A argumentação apresentada no texto busca destacar, de maneira interdisciplinar, os conhecimentos das diferentes áreas, frente ao desafio de mediar o processo de alfabetização. As articulações interdisciplinares durante os jogos, brincadeiras e atividades plásticas sinalizam o caminho das ações pibidianas e, nesta direção os jogos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos indispensáveis e determinantes para os encaminhamentos do nosso plano de trabalho no que tange a linguagem escrita e linguagem falada, seus usos e funções na cultura. Tratamos de um processo de aprendizagem, no qual somos sujeitos aprendizes de como ensinar e, como agentes nesta experiência, elaboramos formas conjuntas de convivência e participação com autonomia para fazer arte, brincar e construir conhecimentos. Os encaminhamentos, até o presente momento, tem nos provocado a sensação de ter dado passos longos, porém, é preciso olhar mais longe quando se propõe utilizar o lúdico e a arte como recurso interdisciplinar de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação, Interdisciplinaridade; Educação, Arte, Ludicidade.

### ABSTRACT

This study discusses education from an interdisciplinary perspective and evaluates what it means to teach and learn through the bias of art and playfulness, as a movement present in the dimensions of epistemology and pedagogy. Aspects of this movement are discussed up to the present time and its implications to reflect then the theoretical orientations theme “Art and Ludicity as Expressive and Creative Language in the Visual Literacy of Regional Culture” in the Institutional Project of Initiation to Teaching / PIBID / Pedagogy / UFMS / Aquidauana Campus. The argument presented in the text seeks to highlight, in an interdisciplinary manner, the knowledge of the different areas, facing the challenge of mediating the literacy process. The interdisciplinary articulations during games, games and plastic activities signal the path of Pibidian actions and, in this direction, games and games are indispensable and determining





pedagogical tools for the referral of our work plan regarding written language and spoken language, its uses and functions in culture. We are dealing with a learning process in which we are learners of how to teach and, as agents in this experience, we elaborate joint forms of coexistence and participation with autonomy to make art, play and build knowledge. The referrals, up to the present moment, have given us the sensation of having taken long steps, however, it is necessary to look further when proposing to use playfulness and art as an interdisciplinary resource of teaching and learning.

**Keywords:** Education, Interdisciplinarity; Education, Art, Ludicity.

## 1 INTRODUÇÃO

A crise na educação brasileira, em todos os seus níveis de ensino, tem sido examinada numa perspectiva técnica, que a associa à carência de recursos ou de competência de conteúdos específicos. Deixou-se de lado, ou são subestimadas quase sempre, as concepções de conhecimento e de inteligência, o significado dos processos de avaliação, bem como as permanentes associações entre educação, projetos e valores.

Vemos então, que essas dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro repercutem de maneira negativa e bastante acentuada em todos os estados brasileiros e Mato Grosso do Sul, mais especificamente no Município de Aquidauana e região, não constitui exceção.

Com o alerta dado sobre a crise na educação brasileira as preocupações relativas à formação dos professores passaram a ser uma constante para todos aqueles que têm responsabilidade com o ensino no país. E os frutos começam a aparecer, visto que, a contribuição científica nessa área aumentaram, entretanto, poucos estudos ainda têm sido feitos sobre a Arte nas escolas. Esse fato, de certa forma revela o pouco valor dado a Arte na história da educação. Para ilustrar nossos argumentos tratamos, a seguir, do ensino da Arte no Brasil, partindo da sua institucionalização com a criação da Academia Imperial de Belas-Artes.

A criação da Academia Imperial de Belas-Artes no Brasil, em 1826, representou um acontecimento histórico que tocou muito de perto o processo de desenvolvimento da arte no Brasil, marcando-a desde o início do século XIX, não apenas com o contributo estético de que o processo se vê imbuído, mas também com a institucionalização do ensino artístico responsável pela formação de sucessivas gerações de pintores, gravadores, escultores e arquitetos ao longo daquela centúria.

A constituição desse estabelecimento de ensino foi intensamente influenciada pela





presença do grupo de artistas vindo de Paris em 1816 e que a historiografia convencionou denominar de Missão Artística Francesa. A vinda do grupo chefiado por Joaquim Lebreton ocorria na mesma época em que o Brasil e Portugal redefiniam seus vínculos ao tempo de paz com Viena, quando a ex-colônia passava a dividir, com a antiga metrópole, o título de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve.

A escola brasileira procurou acompanhar as mudanças sociais provocadas pela Abolição (1888) e pela República (1889). Este processo de mudança, porém foi lento, que alcançou o século seguinte. Diríamos mesmo que as duas primeiras décadas do século foram quase exclusivamente dedicadas a um aparelhamento das instituições educacionais com as novas idéias que surgidas no século XIX, prepararam e executaram a Abolição e a República. Nos inícios do século XX, pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial, tivemos um prolongamento das idéias filosóficas, políticas, pedagógicas e estéticas que embasaram o movimento republicano de 1889, refletindo-se sobre os objetivos do ensino da Arte na escola secundária e primária.

A metodologia da Escola Nacional de Belas-Artes influenciou grandemente o ensino da Arte a nível primário e, principalmente, secundário, durante os vinte e dois primeiros anos do século XX, mas outras influências dominaram durante este período: os processos resultantes do impacto do encontro efetivo entre as Artes, a indústria e o processo de cientificação da Arte.

A preocupação central a respeito do ensino da Arte, no início do século XX, era a sua implantação nas escolas primárias e secundárias e mesmo sua obrigatoriedade, não só os argumentos reivindicatórios de um lugar para a Arte nos currículos primários e secundários como também os modelos de implantação estavam baseados principalmente nas idéias de Rui Barbosa, expressas em 1882 e 1883 nos seus projetos de reforma do ensino primário e do secundário.

É preciso esclarecer, antes de tudo, que o ensino da Arte na escola secundária e primária se resumia ao ensino do Desenho. Desde os inícios do XIX era o Desenho, dentro da pedagogia neoclássica, o elemento principal do ensino artístico, levando à precisão da linha e do modelado.

No século XX, a ênfase no Desenho continuaria nos argumentos a favor de sua inclusão na escola primária e secundária, os quais se orientaram no sentido de considerá-lo mais uma forma de escrita que uma arte plástica.





É no início da década de 1930, (início da “Era Vargas”), que temos as primeiras tentativas de escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes, inaugurando o fenômeno da arte como atividade extracurricular. Em São Paulo, foi criada a Escola Brasileira de Arte dirigida por Theodoro Braga, onde crianças de 8 a 14 anos podiam gratuitamente estudar música, desenho e pintura. A orientação era vinculada à estilização da flora e fauna brasileiras.

Entre 1920 e 1970, sustentados pelas tendências da Escola Nova, o ensino da Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança. Esta perspectiva foi importante, pois quebrou a rigidez anterior, mas em alguns casos predominou o espontaneísmo.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída como Educação Artística, considerada “atividade educativa”, e não disciplina. A Educação Artística foi um avanço, considerando que estabeleceu uma relação entre arte e formação do indivíduo, porém, os professores passam a atuar em arte independentemente da formação, mantendo a ênfase na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. Da cópia fiel, passando pelas aulas prática, onde ficavam explícitas as diferenças do gênero ao espaço livre de recreação ou de ornamentação para festa, o ensino da arte perde sua função maior que é possibilitar ao aluno o desenvolvimento do prazer, do conhecer e do fazer artístico.

Se, nesta trajetória, tais princípios não favoreceram um diálogo mais intenso da Arte com os demais saberes, a contemporaneidade mostra-nos que não está de acordo com a cultura da imposição. Hoje, discute-se em vários espaços os objetivos e conteúdos da Arte e neste cenário o ensino de Arte previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) traz a Arte, em suas orientações, como área de conhecimento, dando-lhe assim o reconhecimento merecido, pois ela é tão importante para a formação acadêmica e pessoal do aluno quanto as demais áreas. E, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9394/96), que reflete os novos paradigmas, propicia a consolidação desses Parâmetros.

Asseguramos em nossos registros, Silva (2005, p. 102) que, “As questões ligadas à educação em arte não podem ser separadas das questões relacionadas com a própria arte, enquanto processo de civilização e objeto estético na sua dimensão política e pedagógica”.

Nessa nova perspectiva interdisciplinar de ensino, em que professores e alunos participam da construção do saber de forma ativa e não há receita pronta, é necessário reelaborar conceitos como currículo, práticas escolares e competências. Dos pontos refletidos ampliamos esta abordagem ancorando em nossos escritos:





No estágio atual do ensino, o professor não é mais visto como aquele que detém todas as possibilidades do conhecimento e do saber, o aluno é considerado, também, como protagonista do processo de ensino e aprendizagem; é preciso enxergar o ensino sob outro prisma, pois as aulas, antes estáticas, agora acompanham as constantes transformações provocadas pelo avanço das pesquisas e pelo fenômeno da globalização. (SILVA, 2013, p. 53).

Acreditamos que é através do espaço educativo que se possa efetivamente dar uma contribuição no sentido de possibilitar o acesso à arte a uma grande maioria de crianças e jovens. Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por aí se dê o contato sistematizado com o universo artístico e suas linguagens.

## 1 LUDICIDADE E O ESPAÇO ESCOLAR

A escola, como instituição, possui relevante função, pois é nela e por meio dela que as crianças, jovens e adultos podem estabelecer relações sociais e compartilhar processos formativos que serão fundamentais para o seu pleno desenvolvimento. Por esses motivos, percebe-se a necessidade de novas práxis que incluam metodologias que viabilizem eficazmente uma aprendizagem significativa. Como proposta destaca-se a utilização das linguagens lúdicas em seu dia a dia, com espaço para brincadeiras, jogos, histórias e causos, atividades musicais, dentre outras. A ludicidade é considerada por inúmeros pesquisadores, uma estratégia relevante na práxis pedagógica, pois contribui na construção do desenvolvimento humano nos aspectos cognitivo, afetivo e social: “[...] o desenvolvimento do cérebro se dá através das experiências que a criança faz no brincar. É aí que ela desenvolve as sinapses necessárias para, na escola, aprender a ler, escrever, calcular.” (FRIEDMANN, 2005, p. 9).

Todo Ser possui em sua essência a linguagem lúdica que precisa ser explorada, pois é uma ação necessária na vida. Por esse motivo, a escola precisa ser utilizada para essas manifestações que se mostram e são desveladas diariamente por meio do brincar, proporcionando um estímulo à imaginação diante de interpretações da realidade, concebida como uma ciência que fomenta diferentes abordagens. (NEGRINE, 2001).





O Poder Legislativo tem demonstrado preocupação com a educação como a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (LDB) (1996) que preconiza o pluralismo das ideias e concepções pedagógicas, com o objetivo de garantir qualidade na educação em todos os níveis de ensino. Posteriormente, nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), (1998) há uma sensibilização para que os professores que atuam nesse nível de ensino reconheçam a relevância do brincar como linguagem infantil que vincula os aspectos simbólicos e também a realidade da criança e devem promover o desenvolvimento integral dos educandos em seus aspectos físicos, intelectuais, psicológicos e sociais.

É comum a todos os documentos citados a preocupação em promover melhores condições de desenvolvimento por meio da educação. Consideramos que a inserção da ludicidade constitui um elemento relevante no processo ensinar/aprender que acontece no interior das instituições educacionais. Nesse contexto, o brincar tornar-se um aspecto necessário na medida em que são construídas as capacidades e as potencialidades do Ser.

A atividade lúdica contribui para o desenvolvimento e acesso à aprendizagem, favorecendo a interação entre os sujeitos e proporcionando uma melhor compreensão das relações que se efetivam no espaço escolar, promovendo, assim, o crescimento intrapessoal por meio das relações sociais como respeito, diálogo, amizade, dentre outros. Tais fatores podem contribuir para que a extinção da discriminação, possibilitando uma valorização de diversas culturas manifestadas em cada contexto. (NEGRINE, 2001).

Em relação ao pensamento, uma das características principais nessa fase é a tendência que a criança apresenta para eleger alguns aspectos de cada situação que lhe parece mais relevante, desprezando outros sem qualquer compromisso com estruturas lógicas. Os Referenciais Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) (1998) ressaltam que a criança, como todo ser humano, é constituída como sujeito de direitos, pertencendo a uma organização familiar em que está inserida e, conseqüentemente, em uma sociedade. Ela convive com coisas diversas e precisa dessa diversidade em sua formação. Acredita-se que experiências não são simplesmente transferidas para a criança, pois ela tem a capacidade de inteirar-se com as significações do universo lúdico que a cerca, reconstruindo uma interpretação dos significados de cada brincadeira, brinquedo, jogo ou contos que ouve. Assim, a cultura lúdica é resultado de uma experiência vivida no dia a dia.

O professor, ao se propor ouvir seu educando, também permite que ele se conheça melhor, principalmente quando promove formas variadas no processo de ensinar/aprender:





fazendo perguntas, reconhecendo e valorizando os conhecimentos culturais que trazem para a sala de aula, facilitando a transição entre a própria cultura e a cultura escolar. Tal ação se reporta a Freire, que valorizava em seus estudos a realidade do educando, afirmando que quando temos contato com a educação formal por meio de aprendizagens significativas, realmente o sujeito consegue, além de assimilar o conteúdo necessário a sua formação, transformar esses conhecimentos em atitudes que realmente farão diferença no seu cotidiano, melhorando não somente sua realidade, mas também a de outras pessoas. (WINNICOT, 1975).

Durante o brincar a criança apropria-se do contexto no qual está inserida harmonizando-o com sua própria dinâmica. Durante este tempo manipula o brinquedo livremente, relacionando-se com criatividade, utilizando sua imaginação com enorme significância que lhe é peculiar de acordo com a realidade da qual vivencia. (BROUGÈRE, 1997).

Para Kishimoto (2008, p. 23) “[...] o brinquedo, objeto manipulável é o suporte da brincadeira”. Manipulando-o explica o real para a realidade infantil, pois brincando ela desenvolve sua inteligência, sensibilidade e oportuniza que suas potencialidades e afetividade se harmonizem. Todo ser humano pode participar de atividades lúdicas. A criança tem seu primeiro contato com brincadeiras por meio de seus familiares, de forma expressiva e significativa. Entretanto, também pode ser aprendida de forma espontânea, individualmente ou em grupo.

A ludicidade é relevante em qualquer fase da vida, seja na infância, na adolescência ou na idade adulta, e a escola precisa reconhecê-la como fator de desenvolvimento do ser humano que contribui com o processo ensinar/aprender, colabora para uma boa saúde mental, desenvolve processos sociais de comunicação de expressão e construção do conhecimento, explora a criatividade, melhora a autoestima, entre outras ações pertinentes à tarefa de educar. É fundamental que o professor, de todas as disciplinas, seja o mediador de todo processo, planejando suas aulas com metodologias que estimulem o seu educando com atividades lúdicas, valorizando o contexto em estudo.

Neste sentido a instituição de ensino é fundamental para toda manifestação lúdica, pois é considerada um espaço privilegiado onde passamos grande parte de nossas vidas e, por esse motivo, deve-se refletir exatamente na utilização correta desses locais para que possa oferecer a criança esse tempo de vida com todos os seus direitos e deveres assegurados.





Percebe-se que o conhecimento lúdico perpassa por aspectos que devemos respeitar, como a questão da cultura de cada criança, seu lócus do movimento. (KRAMER, 2007).

Nessa perspectiva, o brincar ganha relevante destaque, considerando suas contribuições para o desenvolvimento infantil. Consequentemente, a ludicidade torna-se significativa e educativa a partir da atuação do professor e distinta em cada contexto, respeitando suas peculiaridades e necessidades. Por meio de brincadeiras, brinquedos, jogos e ouvindo contos de sua realidade, ela estabelece vínculos afetivos e sociais, ajustando-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças nas atividades propostas. As crianças, por vivenciarem no seu cotidiano ações diferenciadas, devem expressar-se diferentemente nas brincadeiras, possuir diferentes brinquedos, ouvir contos culturalmente elaborados e desenvolver outras atividades lúdicas que contribuam para sua formação cultural que, consequentemente, refletirá em sua educação formal.

Ferreira e Rojas (2013) acrescentam que ao brincar a criança imita, cria ritmos, joga e se apropria do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas. As instituições que promovem o ensino devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças sintam-se protegidas e acolhidas, ao mesmo tempo em que são desafiadas a desenvolverem-se. Quanto mais desafiador for esse ambiente, mais oportunidade terá o educando para ampliar o conhecimento de si mesma, dos outros e do meio em que vive.

Consequentemente, a riqueza de sua aprendizagem possibilitará que tenha novas posturas frente a sua vida.

Os saberes oferecidos pela escola precisam ser utilizados pelos educandos de forma a serem úteis nas situações práticas ou que promovam problemas a serem solucionados. Isso significa ressaltar que qualquer conceito, atitude e procedimento tenham um significado para a criança.

Uma das dificuldades em promover o processo ensinar/aprender significativo é o fato de professores e alunos viverem atualmente em um mundo fragmentado, desligados do passado e das raízes, fatores esses que determinam a origem de um povo. Assim, torna-se relevante a proposta de uma educação que atenda as necessidades de seus educandos que pertencem a culturas diversificadas e coloque os educadores em grande desafio. Estes necessitam estar atentos às diferenças econômicas, culturais, sociais e raciais e ainda buscar domínio de um saber crítico que permita interpretá-las.







Possibilitar uma vivência num contexto rico em estímulos resultará no avanço do desenvolvimento de seus aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor, moral e social de modo integrado. Por esse motivo, os profissionais que atuam com a infância precisam ter a concepção que a brincadeira é a ferramenta mais relevante para a aprendizagem.

Dessa forma é necessário que os professores proporcionem ambientes acolhedores, divertidos e estimulantes que tenham como meta a promoção de atividades práticas e o uso de recursos diversificados e, dessa forma, permitir que as crianças iniciem as suas próprias aprendizagens. As crianças são consideradas aprendizes extremamente ativos, que necessitam de experiências diretas para ajudá-las a desenvolver o pensamento, a linguagem e a aprendizagem. Mas o auxílio do adulto é essencial para que essas ações sejam promovidas. (FERREIRA; ROJAS, 2013b).

Assim, torna-se relevante o professor assumir uma atitude interdisciplinar diante do conhecimento e de sua prática pedagógica, ressaltando como aspecto essencial a atitude em busca de alternativas para conhecer o contexto no qual seus alunos estão inseridos. Uma das grandes questões é a forma de como se trabalha em sala de aula com as diferentes culturas percebendo o que a criança de diferentes etnias fala sobre ela. (FAZENDA, 1991).

## **2 ALGUMAS PROPOSIÇÕES INTERDISCIPLINARES NA PERSPECTIVA DO PROJETO INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA - PIBID**

Educar em tempos difíceis, então, requer pensar sobre a formação de profissionais que vão exercer as funções na orientação de crianças e de jovens e, como professoras do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana, reconhecemos não só a necessidade da arte e da ludicidade, mas a própria capacidade transformadora do “ser” durante a formação inicial. Assim, integramos o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/UFMS/CPAQ/Pedagogia na Escola Estadual Antônio Salústio Areias, Escola Estadual Felipe Oro e Escola Municipal Antonio Pace - CAIC.

Nestes espaços buscamos refletir as orientações teóricas por meio do projeto “A Arte e a Ludicidade como Linguagem Expressiva e Criativa na Alfabetização Visual da Cultura Regional”, a fim de superarmos as dificuldades encontradas em cada passo dentro da escola. A questão-chave norteadora das ações do grupo do PIBID do curso de Pedagogia no CPAQ pauta-se em acionar, de maneira interdisciplinar, os conhecimentos das diferentes áreas, frente ao desafio de mediar o processo de alfabetização. Daí o projeto defender a relevância dos





formandos em Pedagogia vivenciar a realidade escolar, observando o seu cotidiano e a prática do professor em sala de aula.

Fazenda, (1995) partiu da necessidade do professor trazer o conhecimento vivenciado, não só refletido, mas percebido e sentido. Gestando estas ideias, o sujeito na perspectiva interdisciplinar duvida das teorias postas e inquestionáveis, compreendendo como incompletas para as práticas cotidianas e existenciais. Parte-se para a busca da marca registrada, pessoal na práxis. Esta marca registrada passa pela subjetividade, pela metáfora interior. Desta forma, segundo Fazenda (1991), o conhecimento interdisciplinar deve ser uma comunicação entre os domínios do saber, não uma forma de neutralizar todas as significações das outras disciplinas. Uma atitude interdisciplinar, conforme ela leva o especialista a conhecer as barreiras de sua disciplina e acolher as outras disciplinas na tentativa de substituir o conhecimento fragmentado por um conhecimento unitário. Isto confere validade ao conhecimento do senso comum porque é através do cotidiano que damos sentido à nossa vida.

Esta manifestação dinâmica confere aos aspectos lúdicos e artísticos uma importância que vai além das disciplinas no currículo escolar, pois é produto íntimo da formação humana. Isto se constitui porque entendemos que a divisão de saberes deva ser superada diante de novos campos de significação e, neste contexto visualizamos possibilidades de construir materiais para atribuir sentido às linguagens artísticas e lúdicas.

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brinquedo, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido - do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa "visão de mundo", com nossa palavra. Estamos ali em pessoa - uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de idéias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente. (DUARTE JUNIOR, 2002: 74).

As articulações interdisciplinares durante os jogos, brincadeiras e atividades plásticas, tem sido o caminho das nossas ações para motivarmos os pibidianos e pibidianas a promoverem a integração das crianças mais e melhor com as outras. Nesta direção, os jogos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos indispensáveis e determinantes para os encaminhamentos do nosso plano de trabalho no que tange a linguagem escrita e linguagem falada, seus usos e funções na cultura. Tratamos de um processo de aprendizagem, no qual somos sujeitos aprendizes de como ensinar e, como agentes nesta experiência, elaboramos





formas conjuntas de convivência e participação com autonomia para fazer arte, brincar e construir conhecimentos.

De acordo com Iavelberg (2003) sem atribuir um valor a arte é difícil empreendermos uma educação inicial e continuada de qualidade. É primordial que o professor, em formação, esteja estimulado para envolver-se com o estudo e a reflexão da arte na escola, e que amplie o pensar crítico, valorizando as atividades em sala de aula como forma de impulsionar uma revolução estética capaz de influir na qualidade de vida das crianças com as quais trabalha na escola.

As reflexões geradas têm sido registradas em Diários de Bordo, que servem de base como instrumentos didáticos no espaço escolar, principalmente no exercício da alfabetização. O processo de alfabetização da criança ainda se mostra carente de muitos estudos, considerando que os avanços no domínio da leitura e da escrita inseridos na escola estão longe de serem considerados satisfatórios.

Os encaminhamentos, até o presente momento, tem nos provocado a sensação de ter dado passos longos, porém, é preciso olhar mais longe quando se propõe utilizar o lúdico e a arte como recurso interdisciplinar de ensino e aprendizagem.

### **3 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR INTERDISCIPLINAR: CONTEXTOS DIVERSIFICADOS**

Quando refletimos sobre a formação e prática interdisciplinar, o termo mais utilizado é “desafio”, por ter em sua proposta a realização do encontro das interfaces dos diferentes saberes. Também porque traduz o exercício permanente de interação entre seres – saberes – fazeres, com as devidas subjetividades inerentes a cada uma.

O saber dos professores depende, por um lado, das condições concretas nas quais o trabalho deles se realiza e, por outro, da personalidade e da experiência profissional dos próprios professores. Nessa perspectiva, o saber dos professores parece estar assentado em transações constantes entre o que eles são (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que fazem. O ser e o agir, ou melhor, o que Eu sou e o que Eu faço ao ensinar, devem ser visto aqui não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar. (TARDIF, 2008, p. 16).





A educação precisa abarcar a coletividade do contexto onde atua. Discorrer sobre cultura significa destacar suas semelhanças e diferenças, pois cada grupo é determinado por ela, e cabe ao professor a valorização e destaque à diversidade cultural encontrada em seu âmbito de trabalho, significa ter olhares diferenciados sobre seus educandos.

Fazenda (1993) aponta que outro desafio é a formação de professores; não se pode definir interdisciplinaridade como simples junção de disciplinas, mas sim considerá-la como atitude ousada em busca do conhecimento, considerando os aspectos que envolvem a cultura do contexto onde se formam e também em que atuarão. Destaca que os cursos de formação, geralmente, são ministrados de maneira errônea, porque simplesmente trabalham perguntas “intelectuais” que já se sabem como serão respondidas. Sugere que o professor faça perguntas “existenciais” a seus alunos para despertar respostas inesperadas e aflorar seus talentos. Significa explicar questões importantes de forma simples e significativa para que o educando tenha a oportunidade de construir sua argumentação. Ressalta que os currículos organizados por disciplinas proporcionam aos alunos adquirirem acúmulo de informações e não o pensar interdisciplinar que aborda uma dimensão libertadora, possibilitando o enriquecimento da nossa relação com o outro e também com o mundo.

Neste sentido acreditamos que o PIBID pode contribuir de forma eficaz na formação do futuro professor que atuará neste contexto diversificado. Mas existe o desafio de assegurar a abordagem geral, por meio de uma visão universal, valorizando o que cada um constrói no processo de aprender a aprender. Essa postura instiga o pensamento em direção ao enfrentamento de tensões que surgem no desenvolvimento de seu processo de esclarecimento, o que torna possível a superação de dicotomias tradicionais da visão de mundo mecanicista.

Para termos um grupo interdisciplinar, ou seja, professores que aceitam o desafio de articular-se com outras áreas do conhecimento, com outros métodos e conceitos, é relevante implantar nos sistemas de ensino uma cultura prévia de integração que fomente a iniciativa e subsidie a elaboração e efetivação de tal proceder. Mas para a consumação de tal ato, a interdisciplinaridade exige que o espaço de cada área do conhecimento, em suas particularidades e especialidades, seja compreendida, interpretada e respeitada. Pois o objetivo maior, segundo Fazenda (1993), não é homogeneizar ou restringir as disciplinas somente a um enfoque, mas que seja possível a integração, respeitando e reconhecendo a objetividade de cada uma.





Constatamos em leituras e atividades desenvolvidas nas instituições de ensino, por meio do PIBID, que a abordagem interdisciplinar está sendo pensada e existe algumas experiências sendo aplicadas na organização do trabalho pedagógico, somente recentemente, embora suas ideias já estejam há muitas décadas em estudos e discussões. Ela torna-se fundamental na medida em que busca a interação de conceitos e métodos, o que conduz o educando a uma visão mais próxima do movimento, da totalidade e das contribuições da realidade, ou seja, é uma ação pedagógica interativa e integrativa entre professor, aluno e os conhecimentos, dentre eles os do senso comum e os científicos.

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LUCK, 2007, p. 64).

Devido às inúmeras mudanças que diversos setores da sociedade vêm passando, é necessário que o professor também esteja capacitado para assumir uma nova concepção de educação. Para isso, necessita estar preparado para aplicar diferentes metodologias, tecnologias e conhecimentos, valorizando e inserindo as diferenças culturais em todas as ações educativas. É fundamental que o processo ensino-aprendizagem seja utilizado pelo professor como uma ferramenta para a construção e elaboração de novos conhecimentos. Nesse sentido, a interdisciplinaridade torna-se uma das propostas possíveis para realizar essa premissa, oportunizando e promovendo uma formação integral do aluno, enquanto Ser.

Podemos afirmar que se a compartimentalização dos conhecimentos, que impera atualmente em nosso sistema de ensino, for substituída pela interdisciplinaridade será uma estratégia mais dinâmica e criativa de institucionalizar e elaboração de novos saberes nos sistemas de ensino, instituições de ensino, nos currículos e campos de pesquisas. A atitude interdisciplinar permite um olhar universal sobre o conhecimento, o que permite possuir habilidades para construir as respostas possíveis ou necessárias a cada contexto. Sendo assim, é possível repensar nossa vida, nossa prática profissional, nossas relações, nossas circunstâncias, lidar com as questões cotidianas de outras maneiras, tornar possível um cotidiano mais significativo e, principalmente, construir não apenas uma nova práxis, mas uma novo contexto, onde o educando se sinta integrado.





Ao desenvolvermos nossas atividades nas instituições de ensino percebemos a necessidade de um novo perfil de educador que, frente às dificuldades, amplie seus estudos, pesquise, adquira novos conhecimentos significativos a sua prática pedagógica, pois acreditamos que a interdisciplinaridade é o ponto de encontro entre o antigo e a renovação de atitudes frente às dificuldades de ensino e pesquisa. Concordamos com Fazenda (1993) quando afirma que o importante é ter em mente que um projeto interdisciplinar não é ensinado, mas sim vivenciado. E essa vivência se evidencia nas atitudes, não somente nos discursos.

Atualmente a própria sociedade contemporânea tem exigido mais investimento na educação, isso significa refletir sobre a necessidade de reformas educativas e propostas de mudanças na formação do professor, enriquecida com debates sobre inúmeros aspectos relacionados ao exercício da docência. Tal fato, conseqüentemente, trará evolução e transformações na estrutura organizacional e funcionamento das instituições de ensino, interferindo diretamente nas suas propostas curriculares, domínio teórico e atitudes metodológicas.

Não queremos aqui reduzir as reformas educacionais e a profissionalização da carreira docente como o único caminho para a solução dos problemas socioeconômicos, institucionais e culturais que condicionam a atuação docente, mas é necessário que tenhamos a autonomia e o poder de decisão no coletivo das instituições e sistemas de ensino. Tal ação significa mais autonomia nas decisões que contemplem todos os aspectos relacionados a educação.

É pertinente ressaltarmos que o processo avaliativo deve ser um instrumento na qual proporciona ao educando assimilar os conteúdos de forma que ocorra o seu crescimento pessoal e que os mesmos sejam significativos, nos permite obter os resultados referentes ao trabalho educativo realizado, pois a escola é responsável pela qualidade do trabalho desenvolvido.

Neste sentido acreditamos que os elementos lúdicos e artísticos precisam ser compreendidos e utilizados pelo professor em sua práxis cotidiana. Toda atividade lúdica e artística é oportunidade de desenvolvimento, pois brincando e criando o indivíduo experimenta, descobre, inventa, exercita, confere suas habilidades, estimula sua curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança. Tais fatores proporcionam uma aprendizagem significativa, desenvolvendo diversas formas de linguagem, além do poder de concentração e atenção.





A avaliação é um instrumento na qual proporciona ao educando assimilar os conteúdos de forma que ocorra o seu crescimento pessoal e que os mesmos sejam significativos, nos permite obter os resultados referentes ao trabalho educativo realizado, pois a escola é responsável pela qualidade do trabalho desenvolvido.

De acordo com Luckesi (2003), a prática docente precisa ser ao mesmo tempo crítica e construtiva. Crítica na medida em que o educando se desenvolva no seu contexto social e construtiva em que o professor trabalhe com princípios científicos e metodológicos, que atinjam o principal objetivo que é o ensino-aprendizagem do educando. O sistema educativo e os professores precisam estar comprometidos para que isso ocorra. O professor é o principal mediador e precisa estar interessado na aprendizagem do educando tanto individual como coletivamente. Se a sociedade na qual vivemos não se preocupa, a instituição de ensino terá o compromisso de proporcionar um ensino de qualidade que efetive o desenvolvimento integral do mesmo.

Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação tem sua importância social e política crucial no fazer educativo. E essa importância está presente em todas as atitudes e estratégias avaliativas que adotamos. (KRAMER, 1994, p.95).

Avaliar é muito mais que fazer julgamentos e comparar dados, é importante, pois tem o papel de verificar o trabalho pedagógico realizado, direcionando as metas que se pretende alcançar. Essa importância social e política está em todas as atitudes tomadas em relação a avaliação.

Sabemos que a avaliação faz parte do contexto escolar, por isso o professor precisa registrar todas as ações realizadas e vividas por seus alunos. O registro é o acompanhamento diário da aprendizagem, pois sabemos que diante da diversidade dos alunos é preciso observá-los de forma individualizada, pois cada um tem suas experiências e responde de forma diferente a mesma atividade. Ao mesmo tempo o professor presta atenção em como está ocorrendo esse processo de ensino-aprendizagem coletando dados importantes para verificar o conhecimento construído e planejando, utilizando novas metodologias e instrumentos para que essa aprendizagem se efetive.

É preciso entender cada criança como única observando as diferenças entre as mesmas e para isso o registro é a forma adequada de perceber o desenvolvimento de cada aluno de forma individualizada. Os dados obtidos trazem uma reflexão da interpretação e manifestação





do aluno, podendo ser feita uma análise sobre sua evolução, comparando as atividades realizadas, estabelecendo relação entre as respostas dadas antes e depois das atividades.

Avaliar é necessário dentro do espaço escolar não há como fugir, pois através dos dados obtidos o professor pode redirecionar seu planejamento atendendo a real necessidade do educando, mas a finalidade do ato de avaliar deve ser a preocupação com a aprendizagem.

A avaliação fornece subsídios para propor alternativas que melhorem a aprendizagem. Não deve ser usada apenas para classificar os alunos fazendo comparações de quem sabe mais ou menos os conteúdos ou mesmo se já está respondendo de acordo com o que eu planejei, mas deve ser uma aliada do professor para verificar o que está errado, porque o aluno ainda não consegue resolver determinados problemas. A avaliação não deve ser usada para promover o aluno, mais sim para que ele adquira o conhecimento necessário para participar ativamente na sociedade.

A sociedade atual exige que o profissional reflita sobre o processo educativo, no qual desenvolva nos alunos competências e habilidades, para que os alunos possam compreender a realidade na qual estão inseridos. Para isso a avaliação deve ser vista como um instrumento para compreender o estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo como ponto de partida a tomada de decisões para que ele possa avançar sua aprendizagem.

A melhor forma de avaliar é observar o aluno para fazer a mediação, ou seja, para refletir sobre as melhores estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas para promover a aprendizagem do educando. O papel do professor é de extrema importância, pois é ele que proporciona momentos e espaços para brincadeiras, utiliza materiais diversos para que a criança possa interagir com os objetos, cria várias possibilidades educativas adotando várias estratégias que auxiliam as crianças na hora de realizar suas atividades. (HOFFMANN, 2011).

O professor através dos resultados obtidos na avaliação pode analisar sua prática na sala de aula buscando novas formas didáticas e metodológicas de promover o processo de ensino-aprendizagem. É necessário utilizar vários instrumentos e técnicas diversas de avaliação e estas precisam ser definidas e estarem no planejamento, pois avaliar não é algo espontâneo as metas e as formas de avaliar precisam ser definidas. Os instrumentos precisam atender as particularidades do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS







A direção que procuramos manter ao longo do nosso estudo, considerada indispensável para uma análise do entendimento sobre a Arte e Ludicidade teve sempre como respaldo o referencial teórico, os documentos legais, leis, entrevistas, teses e outros estudos já realizados sobre o assunto que serviram de base à nossa pesquisa.

Acreditamos na possibilidade de estarmos colaborando com profissionais da educação, quando ao discutir a eficácia de utilizarmos a Arte e aspectos lúdicos, rejeitamos o fazer pelo fazer, visto que o desenvolvimento social e a profunda transformação pela qual passaram e passam todas as nações do mundo atingiram também o professor no seu fazer pedagógico. Na atualidade, o professor não atua mais como fonte de informação, é, antes, o catalisador do processo informativo.

Daí, a necessidade de se desenvolver novas abordagens curriculares com feições interdisciplinares com a finalidade de alcançar a interpretação da realidade a partir de uma nova concepção em que o processo seja assumido como o *modus operandi* dos educadores. Isto porque, apesar da existência de embasamento teórico para a execução das ideias relacionadas com a interdisciplinaridade, os currículos atuais ainda ressentem de ajustamento lógico, que permita estabelecer laços mais estreitos entre os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem, de forma a possibilitar uma relação mais estreita com a vida sócio política dos estudantes, permitir que o professor revolucione a sua ação pedagógica e sinta ao mesmo tempo que a interdisciplinaridade é um caminho que facilita o conhecimento.

Enfim, parece certo concluirmos que assumir uma atitude interdisciplinar proporcionará um movimento em benefício do processo ensinar-aprender ressignificando a prática pedagógica. Considerando os problemas sociais, econômicos e ambientais que nos assolam, é essencial almejarmos um ensino, mais humano, que parta da integração e oriente melhor os educandos a se reconhecerem como agentes ativos e culturais ao usufruírem os conhecimentos intermediados pela escola, tornando-se um profissional e, principalmente, cidadão.

A Arte e Ludicidade são aspectos relevantes para todo Ser e precisam ser valorizados como aspectos que contribuem no desenvolvimento integral. Cabe ao professor integrá-las em sua prática pedagógica como ações que facilitam os processos de socialização, comunicação, expressão e construção e reelaboração de novos saberes. Neste sentido é necessário que selecione, dentro do conjunto do conhecimento humano acumulado, aqueles que precisam ser





apropriados pelos alunos, para que sejam capazes de apossar-se das inúmeras possibilidades humanas criadas ao longo da história e, ao mesmo tempo, selecionar os procedimentos adequados, garantindo essa aprendizagem.

Assim, os numerosos pontos de vista que, ao longo dos tempos, têm surgido acerca da formação de professores, valores e finalidades da educação refletem questões específicas das várias épocas sobre a função social da escola e o papel da arte na sociedade, aqui, em especial, tratando das perspectivas contemporâneas nas fronteiras do território da Arte e da Ludicidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília/MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. BRASIL/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais /PCN – Arte**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997, (Coleção Questões da Nossa Época - v. 3).

DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas SP: Papyrus, 2002.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana Ferreira; ROJAS, Jucimara Silva. **Cultura lúdica formativa na região do Pantanal de Aquidauana/MS e sua relação com o processo ensinar/aprender**. XV Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. Curitiba: PUC/PR, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Cultura lúdica formativa para diferentes etnias na região do Pantanal/Aquidauana/MS**. XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação, Currículo: tempo, espaços e contexto. São Paulo: PUC/SP, 2013b.





FRIEDMANN, Adriana. **Aliança pela infância**: brincar. São Paulo, 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

IAVALBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRAMER, Sônia (Coord). **Com a pré-escola nas mãos**: Uma alternativa curricular para a educação infantil. 7. ed. São Paulo. Ática, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teóricos metodológicos. 14. ed.

NEGRINE, Airton; SANTOS Santa M. P. dos (Org.). **A Ludicidade Como Ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **Interdisciplinaridade na Temática Indígena: aspectos teóricos e práticos da educação arte e cultura**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Arte: contribuições para o processo ensino-aprendizagem no município de Aquidauana**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco- UCDB/MS, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

